

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

SINOPSE

Ano: 1943. Local: Brasil. O país está prestes a entrar na Segunda Guerra Mundial, enviando soldados à Itália para combater a ameaça do nazismo e do fascismo. O garoto Roberto, narrador da história, e seus colegas de escola têm o primeiro contato com produtos industrializados norte-americanos: chicletes e refrigerantes.

Com a escassez do látex, matéria-prima do chiclete, os garotos começam a promover uma pequena “revolução” na cidade onde moram. Dispostos a ajudar o país naquilo que entendem por sacrifício de guerra, empreendem uma campanha inusitada, tentando, a seu modo, transformar a realidade que os cerca. Uma história surpreendente com a marca e o estilo de um grande escritor.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em 1965 numa pequena cidade que tem um nome muito bonito: Bela Vista do Paraíso. Quando eu tinha quatro anos de idade, meu pai morreu e minha família se mudou para outra cidadezinha do Paraná, que tem um nome indígena, meio estranho: Peabiru. Depois de ter passado por Curitiba e Florianópolis, moro há quinze anos em Ponta Grossa, Paraná. De tanto prestar atenção nas palavras, acabei virando escritor. Escrevi inicialmente para adultos. Escrever para crianças foi uma coisa que demorou um pouco. Começou com algumas histórias que contava para minha filha. Ela cresceu e continuei conversando com as crianças, agora por meio dos livros.

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Gustavo Piqueira

Formato: 18 x 26 cm

Número de páginas: 32

Coleção: *Tempo-Rei*

ISBN: 978-85-7472-856-8

Indicação: A partir de 9 anos

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o título do livro e questione seu significado: o que os alunos sabem a respeito das guerras? O que é uma guerra? Por que elas acontecem? O que muda no país que está em guerra e naqueles que são atingidos, direta ou indiretamente, por esse evento? E uma “guerra de chiclete”, é possível? Deixe que o grupo comente e lance hipóteses sobre o conteúdo da história.
2. Observando a capa e pensando ainda no título, pergunte aos alunos o que eles acham que encontrarão no livro. Alguém pode brigar por algo tão simples, como um chiclete? Será que a guerra é mesmo só de chiclete ou envolve outras questões?

DURANTE A LEITURA

1. O professor poderá levantar questões que auxiliem o entendimento do texto. Quem são os personagens? Explore características de alguns deles, como Valdir, que era muito nervoso e se acalmava mascando chiclete, Madame Judith, a rabugenta e conservadora professora de francês, o professor Nely, o pai de Roberto, e assim por diante. Quem é o narrador? Ele também participa da história?
2. É importante comentar que o enredo é fictício, porém contém dados históricos verdadeiros. Onde se passa a história? Em que época? Ofereça uma visão panorâmica da Segunda Guerra Mundial (período, duração, países envolvidos), para que os leitores possam se situar no contexto.
3. Oriente os alunos a perceberem as referências que o narrador faz à cultura norte-americana. Que produtos vindos dos Estados Unidos ele menciona? Observe os comentários de Madame Judith, ao ver os meninos mascando chiclete: “Isso tudo é mais um modismo americano”; “Ah, os bárbaros...” (p. 7). Como isso pode ser interpretado? Por que Madame Judith relaciona o chiclete aos bárbaros? Quem foram esses povos? Quais são os bárbaros a quem ela se refere na história? Os novos hábitos não eram bem vistos pela professora?
4. Por que as pessoas gostavam de mascar chiclete? Sugira aos alunos que busquem trechos do texto em que isso é mencionado. Era permitido mascar a goma na sala de aula? A que o professor Nely compara o ato de mascar chiclete? Que nome ele dá ao grupo de meninos?
5. Resgate com o grupo a razão pela qual o chiclete começa a desaparecer dos bares, destacando a explicação dada pelo pai de Roberto, assim como algumas hipóteses formuladas pelo garoto (era moda e eram tempos de guerra, todos mascavam para ficar mais calmos, porque era gostoso, etc.). Analise com os leitores a passagem da p. 11: “Acho que a nossa era a primeira geração em que pais e filhos tinham os mesmos costumes.” Como era antes da guerra? E atualmente, pais e filhos têm costumes semelhantes ou cada geração tem seus hábitos particulares? Abra um espaço de discussão, mediando o debate e incentivando os leitores a se manifestarem livremente.

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

6. A história traça um paralelo entre uma guerra que aconteceu de fato e uma guerra “inventada” pelo grupo de amigos. Que elementos sugerem este paralelo? Observe com os leitores os subtítulos da história: a que eles se referem? A fatos da guerra real ou da guerra empreendida pelos meninos?

7. Leve o grupo a entender o que foi o “movimento do chiclete” realizado pelos garotos. O que as crianças aprenderam com a falta da matéria-prima para a industrialização do chiclete? Chame atenção para o entendimento de que, à medida que a história vai se desenvolvendo, os personagens aprendem sobre a extração da borracha, importação de produtos, o processo de industrialização, e as dificuldades que as pessoas enfrentam durante uma guerra.

8. Explore as imagens do livro que retratam o período da guerra, observe cada cena e peça que os alunos descrevam o que estão vendo, manifestando sua opinião sobre o que as imagens revelam a respeito do fato histórico em questão. Leia com o grupo o texto de apresentação do ilustrador, no qual ele explica a técnica utilizada no livro. Que efeito promove a mistura de imagens reais (fotos) às formas construídas com carimbos? Essas formas sobrepostas dialogam com o contexto de guerra retratado nas fotos? O que elas representam?

DEPOIS DA LEITURA

1. Após a leitura surgirá uma curiosidade natural sobre o assunto abordado no livro e os alunos possivelmente terão interesse em saber alguns detalhes de como e por que aconteceu a Segunda Guerra Mundial.

Uma sugestão é propor a realização de uma entrevista com alguém de mais idade que possa ter vivenciado este momento ou o pós-guerra, como um avô ou bisavô. Na entrevista, o aluno poderá fazer perguntas de seu interesse, por exemplo: o senhor foi à guerra ou conheceu alguém que tenha ido? Como chegavam aqui no Brasil as notícias da guerra? O “clima” era de preocupação e medo dos brasileiros, mesmo com a guerra tão longe daqui? Os adultos contavam às crianças sobre a guerra? Durante esse período faltou algum mantimento ou matéria-prima?

2. Outra possibilidade é dividir a turma em três frentes de pesquisa: uma sobre a II Guerra Mundial, outra sobre o Ciclo da borracha no Brasil e uma terceira sobre a fabricação do chiclete. É possível orientar os alunos com relação a algumas questões:

A. II Guerra: O que motivou o início da II Guerra? Quanto tempo durou? Quantos países estiveram envolvidos? Por que o conflito era Mundial? Quem foi o personagem principal dessa guerra e o que ele pretendia? Havia dois grupos lutando entre si, quem eram eles? Quem venceu a batalha? Qual foi o motivo da vitória e, conseqüentemente, do fim da guerra?

B. Ciclo da borracha: De que é feita a borracha? De onde se extrai esse material? Aqui no Brasil, onde é mais facilmente encontrada? Quem foi levado para extrair o látex nos seringais? Houve devastação da Floresta Amazônica? A extração do látex proporcionou o enriquecimento de algumas cidades? E a decadência delas, quando começou? Por que o Brasil passou a vender menos borracha? Quem foram os “Soldados da Borracha”? Por que eles foram

A GUERRA DO CHICLETE



Miguel Sanches
Neto

convocados emergencialmente para ir aos seringais? O que eles ganhavam em troca do serviço prestado?

C. Sobre o chiclete: etapas da fabricação do chiclete, desde a matéria-prima utilizada, o processamento, sabores/cores/formatos/embalagens, passando pela comercialização e sua degradação no solo.

As três pesquisas podem ser apresentadas em sala de aula e ser expostas na escola. Questione os alunos se as informações encontradas ajudaram a enriquecer a leitura do livro *A guerra do chiclete*.

3. Trabalhe o tema da solidariedade, pois os garotos não foram egoístas, mas solidários ao problema alheio e, com sua “guerra local”, almejavam contribuir com uma guerra distante e bem maior. É possível estender essa questão propondo alguma atividade que possa ajudar outras pessoas. Por exemplo: fazer uma gincana (“guerra” entre equipes) para arrecadar, na escola e na vizinhança, produtos não perecíveis, roupas, cobertores, etc., para serem doados a uma comunidade/creche/asilo/orfanato. Outras situações de exercício da solidariedade podem ser esboçadas pelo professor, levando-se em conta a realidade local da escola.

4. A associação entre um importante momento histórico e o universo imaginário das crianças está presente tanto em *A guerra do chiclete*, de Miguel Sanches Neto, como em *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato, o que permite que se estabeleça um diálogo entre essas duas obras.

Em ambos os livros, os personagens são crianças com voz ativa e capacidade de agir sobre o mundo. No texto de Sanches Neto, os personagens só tomam consciência da guerra quando falta chiclete (escassez do látex). Então, decidem ajudar os países aliados a vencer a guerra, inicialmente economizando seus próprios chicletes e, em seguida, organizando uma campanha de arrecadação de borracha velha. Na obra de Lobato, a boneca Emília, muito aborrecida, resolve acabar com a guerra. Para isso, ela se transporta para a Casa das Chaves, pois crê que todas as coisas do mundo podem ser ligadas e desligadas por uma chave. Como encontra uma sala cheia de chaves, todas sem identificação, e não sabe qual é a da guerra, Emília puxa a primeira que encontra. Essa chave faz com que ela e todas as pessoas do mundo “percam o tamanho”, ou seja, encolham. Apesar da besteira, ela acredita que, de certa forma, acabou com a guerra, afinal, tão pequenininhos, os homens não poderiam mais guerrear. No entanto, Emília é obrigada a entender que diminuir as pessoas não vai acabar com o problema da guerra. Compare esta tentativa de Emília à tentativa dos personagens do livro.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gilmara Falk Ferreira Brunetto, Lorena Ostrovski, Luciana Princival Ivankio e Michelle Cezak Shoji